

**AS HISTÓRIAS DE UMA “SENHORA DE RESPEITO”: CARMEN DA SILVA E SUA
PRESENÇA NA SEÇÃO “A ARTE DE SER MULHER”****Maria Paula COSTA***

Resumo: Neste artigo analiso a trajetória de Carmen da Silva, articulista da Revista *Claudia*, de 1963 a 1985, na perspectiva de conhecer o caminho percorrido por ela antes de chegar a assinar a seção “A Arte de Ser Mulher” e posteriormente compreender o seu papel e sua presença na revista como pensadora debatendo os temas de forma crítica e muitas vezes contraditória ao discurso da revista.

Palavras-chave: Revista; Feminino; Comportamento.

**STORIES OF A “RESPECTFUL LADY”, CARMEN DA SILVA, AND HER
PRESENCE IN THE MAGAZINE SECTION, “THE ART OF BEING A WOMAN”**

Abstract: In this paper I analyse Carmen da Silva’s career as a writer in *Claudia Magazine* from 1963 to 1985, with the aim of tracing the path she went through before starting the section “The Art of Being a Woman”, and then understanding her role and her presence in the magazine as a thinker who debated themes in a critical manner that was often contradictory to the magazine’s policies.

Keywords: magazine; feminine; behavior.

Introdução

Ao trabalhar com a construção das representações no discurso da *Revista Claudia*, deparamo-nos com a presença de Carmen da Silva¹. Sua participação nas páginas do periódico modificou o status da imprensa feminina nas décadas de 60, 70, e 80 tornando-se impossível analisar *Claudia* e ignorar a presença de Carmen. “*Para os que fizeram Claudia e para os intelectuais que já a analisaram, Carmen da Silva é*

* Doutora em História pela UNESP – Campus de Assis e Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste/ Guarapuava- Pr – Brasil. E-mail: paulaecosta@gmail.com.

*uma unanimidade: todos reconhecem o seu pioneirismo na divulgação dos ideais feministas.*²

Neste artigo analisaremos sua trajetória na perspectiva de conhecer o caminho percorrido por Carmen da Silva antes de chegar a assinar a seção “*A Arte de Ser Mulher*”.³ Utilizaremos como base a sua autobiografia, *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*, publicada em 1984, mesmo sabendo que a escrita de suas memórias ou a escrita de si faz parte de escolhas pessoais e seletivas (registros) que contemplam as experiências necessárias para a valorização do “eu” e para a construção de sua identidade. No entanto não nos interessa o efeito de veracidade dos fatos relatados (a ilusão biográfica), mas sim a ótica assumida pelo registro e como a autora se expressou.⁴

Acreditamos ser essencial tal análise, pois suas experiências fornecem pistas de como ocorreu a construção de seu posicionamento diante do papel da mulher na sociedade brasileira daquele período.

É importante salientar que outros pesquisadores já percorreram os caminhos de Carmen, principalmente no que se refere aos seus escritos (romances e na sua autobiografia) e na sua atuação como feminista e jornalista.⁵

Destacamos dois importantes trabalhos que de forma minuciosa analisaram os escritos de Carmen da Silva e sua trajetória: Ana Rita Fonteles Duarte com seu trabalho de mestrado⁶, publicado em 2005 - “*Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*” - e Kelly Baptista Duarte, com sua dissertação de mestrado⁷, defendida em 2005 - “*Carmen da Silva: nos caminhos do autobiografismo de uma “Mulheróloga”*”.

No primeiro trabalho a autora pesquisou a vida de Carmen da Silva e para tanto utilizou como fonte de pesquisa seus escritos (romances e memórias), seus artigos publicados em *Claudia*, suas entrevistas, assim como entrevistou pessoas que conviveram com ela. Seu livro revela a importância de seu jornalismo comprometido com a realidade da mulher e com os ideais do movimento feminista. Fonteles afirma que o movimento feminista recebeu a contribuição e o apoio de Carmen, apontada por muitos como uma das precursoras, através da sua escrita feminista na imprensa brasileira.

Já o trabalho de Kelly Baptista Duarte procura analisar a trajetória de vida de Carmen a partir de sua autobiografia e de seu romance *Sangue sem Dono*, enfatizando que a escritora rio-grandina inaugurou sua produção literária sob os novos conceitos da escrita feminista. Para tanto destaca em sua análise a utilização da

crítica literária canadense e mostra a influência de Simone de Beauvoir nas publicações.

Pretendemos contribuir para ampliar tal debate analisando as questões trabalhadas por Carmen da Silva no âmbito da *Revista Claudia*⁸. Como sua seção fazia parte de um todo da revista, procuramos focalizar os temas por ela abordados e a articulação destes com o que era publicado no restante do periódico. Entendermos que seu diálogo com uma leitora de classe média, urbana e casada acrescentou ao periódico um discurso diferente do que era apresentado no restante de suas páginas. Na segunda parte deste artigo discutiremos sua entrada como articulista na *Revista Claudia*: seus temas, suas abordagens, seu diálogo constante com a leitora e, principalmente, seu poder de inserção no universo feminino: o lar e a família.

A possibilidade dessa voz dissonante ao discurso previsto pelos editores da revista pode ser analisada por diversos focos: havia uma legitimidade e um controle por parte da própria Carmen da Silva para manter sua tribuna, para tanto não propunha nenhuma revolução coletiva imediata, tratava do indivíduo, pretendia que suas leitoras se conhecessem como pessoas. Ao mesmo tempo, a aceitação de seus artigos atribuía à revista o status de “moderna”, pois debatia o papel da mulher frente à sociedade. Daí o interesse da revista em mantê-la.

Embora Carmen da Silva tenha permanecido vinte e dois anos ininterruptos assinando a seção “*A Arte de Ser Mulher*” e em alguns momentos respondendo às cartas de leitoras na seção “*Claudia Responde*”, seu percurso possui uma temporalidade própria, que indica não só a maturidade de seus escritos, como sua relação com as pessoas que faziam a *Revista Claudia*.

Convido, pois, o leitor a mergulhar nesta viagem marcada de surpresas, superação, tensão e - por que não? - de negociação.

Carmen da Silva e a construção de uma personagem: sua infância, seu percurso e seus escritos.

““Histórias” porque recuso o anglicanismo “estórias”, com sua intenção marota de traçar uma linha divisória entre o pessoal e o coletivo, desvinculando os sucessos individuais do curso da História. A grafia com agá-i enfatiza minha convicção de que o privado é político. Híbridas porque misturam experiências minhas e alheias, narração e reflexão, memórias e mexericos. E senhora-de-respeito, apesar de suas lamentáveis conotações que lembram damas rezadeiras e marchadeiras, porque não encontrei nos

dicionários qualquer outro rótulo mais ou menos honroso que me fosse aplicável: mulher, na minha faixa de idade, ou é respeitável ou não existe. Existamos, pois. Com todo o respeito.”⁹

Carmen da Silva nasceu em 31 de janeiro de 1918, na cidade de Rio Grande (RS), como ela mesma descreveu em sua autobiografia: *“Filha mais ou menos temporã, a quinta da série, a quarta menina-alvíssaras! Ou não?”*¹⁰

Filha de uma família tradicional de classe média, do Rio Grande, perdeu seu pai aos cinco anos, sendo educada por sua mãe. Para Carmen sua mãe era uma figura muito especial, uma das pessoas mais reprimidas do mundo, que enviuvou aos trinta e seis anos e a partir daí se fechou em casa.¹¹

A figura materna, dona Celina Daniel, pode ser a base reflexiva do papel da mulher dona de casa comprometida com a moral da época, que para Carmen comprometia o relacionamento entre mãe e filha, como afirmou Kelly Baptista Duarte:

O exemplo negativo do comportamento reservado da mãe contribuiu para a construção da identidade da escritora. Carmen da Silva ao menos sabia o que não queria ser. O retorno por meio da narrativa ao vínculo maternal, o qual se estabeleceu desde a infância, comprova que para ela, a mãe, embora amada, sempre foi o antimodelo, pois representava a situação de opressão e contenção opressora que não queria para si.¹²

Pelo que apresenta em sua autobiografia, Carmen teve uma infância e uma adolescência tradicional e compatível com uma família de classe média, de uma pequena cidade do Rio Grande do Sul. Viajara com sua mãe aos dezesseis anos para o Uruguai, visitando parentes, onde teve a oportunidade de conhecer alguns intelectuais, poetas e jornalistas.¹³ Também tinha um “certo” acesso aos livros da biblioteca da família e, segundo ela, algumas de suas amigas se preparavam para cursar uma faculdade em Pelotas ou Porto Alegre.

Os escritores favoritos das garotas de seu grupo eram refinados nomes, dentre eles: Stendhal, Flaubert, Machado de Assis, Eça, Thomas Mann, Knut Hamsun, Hans Fallada, Huxley, Shakespeare, Cornneille, além de Nietzsche, Ingenieros, Krishnamurti, Ortega y Gasset e esplêndidas mulheres como Juana de Ibarburu, Alfonsina Storni, Gilka Machado.¹⁴

Para Fonteles essa salada descrita por Carmen não tem nada de desconexa, e ressalta um traço comum entre os autores e a importância deles na vida dela:

Em linhas gerais, pode-se observar traço comum entre essas leituras: a preocupação dos autores em mostrar, de diversas formas o conflito instaurado entre classes, valores, ideologias e entre os sexos. São leituras eruditas, marcadas pelos componentes da insatisfação, do desafio e a ruptura com normas preestabelecidas. Inauguram, nesse momento, para Carmen, nova fase em seu processo de tornar-se leitora, quando o ato de ler passa de fenômeno de reconhecimento e de confirmação cultural e torna-se o esforço de separação do universo cultural de sua comunidade. Fase esta que coincide com a revisão dos valores que lhe foram inculcados e que precede a decisão de deixar a cidade. Os livros, mesmo que relidos mais tarde, no momento, possibilitaram a Carmen distanciar-se desses valores e compreender melhor os conflitos existentes em sua família, na comunidade, na cidade.¹⁵

Apesar desse conhecimento, a maioria das jovens do Rio Grande encontrava-se destinada apenas ao casamento e tinham, no primeiro baile, uma espécie de vestíbulo para o desempenho feminino:

Estávamos aí para aprender a ser Verdadeiras Mulheres: bonitinhas, enfeitadas como árvores de natal e, ao mesmo tempo, discretas, boazinhas, disponíveis, amorfas, reduzidas à mais absoluta passividade. Esperando. Esperando sem poder fazer nada: a impotência envolta em tules e crepes georgette. Macaquinhos amestrados que ficariam amontoados na jaula ou saíam de saíote e chapéu a fazer suas gracinhas e receber aplausos e bananas, dependendo de um olhar do dono, um sinal do dono, um estalar de chicote do dono. Existe um sexo de patrões e um sexo de animaizinhos amestrados: estávamos aí para aprender quem governa o mundo, de que lado pende a balança do poder, quem é o dono e quem é o macaco. Ou melhor, a macaca. Se alguma garota havia chegado aí alimentando ilusões e veleidades, o primeiro baile era a hora de baixar-lhe a crista.¹⁶

Torna-se fundamental ressaltar que Carmen está escrevendo sua autobiografia aos 65 anos e por isso expõe de forma crítica o lugar da mulher na sociedade rio-grandina daquele período, todavia deixa claro em outras passagens que ela e suas amigas não possuíam naquele momento dimensão do que mais tarde perceberiam, como a opressão feminina. Apesar disso frisa que o primeiro baile não foi suficiente para lhe ensinar o destino de macaquinha amestrada; foram necessárias experiências mais drásticas das quais seu destino não teve como escapar.¹⁷

Em 1941, com a morte de sua mãe, Carmen da Silva estava com vinte e um anos e o Rio Grande era pequeno demais para seus anseios. Vejamos:

Ser mulher nunca foi fácil para ninguém em nenhum lugar. Ser mulher numa cidade pequena nas décadas dos 30 e 40 mais do que difícil, era dramático: havia que escolher entre a fuga, o martírio e o heroísmo. Confesso que escolhi a fuga. Meu próprio ponto de saturação chegou no início de 1944. Não me pendurei numa forca feito personagem de Cela: quem se mata aos vinte e três anos, estalando a saúde, com as bochechas rosadas e lustrosas que nem maçãs? Mas plagiei seu bilhete de despedida: “Cheira a cebola, não posso mais”. Enfim: aproximadamente. E me mandei¹⁸

Para Carmen o Rio Grande, essa pequena cidade do Sul do Brasil, cheirava a peixe e cebola por conta dos entrepostos do cais, e isso era um orgulho da produção regional. No entanto ela se lembra do personagem de José Camilo Cela, em “Colméia”, que passou anos queixando-se de que “cheira a cebola” e, quando não agüentou mais, resolveu se suicidar por puro sofrimento olfativo.

O destino escolhido foi o Uruguai. Preferiu Montevidéu ao Rio de Janeiro, pois esse último representava o desconhecido total, outro universo, outro clima. Já o primeiro era mais familiar, ela já conhecia e possuía alguns primos lá, além do que o espanhol era menos estranho para os ouvidos gaúchos do que o sotaque carioca.¹⁹

E eu aí comecei a construir minha nova existência, sem ser filha de ninguém, sem amparo econômico ou de qualquer outra espécie, tendo de criar meu próprio escaninho social, suando por mim mesma o aluguel do pequeno apartamento, o telefone, o sustento, a condução, as roupinhas para manter um visual apresentável. Dois empregos e mais algumas traduções a domicílio me garantiam meio mês de suntuosos bifes em bons restaurantes, táxis, cigarros importados; os outros quinze dias eu passava a sanduíche de mortadela, que também é muito nutritivo: devo reconhecer que a administração não era lá muito equilibrada. Mas tudo bem, a gangorra do orçamento não se refletia em oscilações da moral: essa pairava altíssimo. Eu era jovem, vistosa, tinha saúde de cavalo e vivia a incomparável vibração de medo, prazer e orgulho da independência recém-inaugurada: minha auto-estima andava pelos píncaros do Everest.²⁰

Carmen da Silva assumiu sua independência e foi morar sozinha e trabalhar na capital daquele belo país democrático, que segundo ela possuía “*excelentes espetáculos de arte e governantes que não tinham medo do povo*”²¹.

Segundo Ana Rita Fonteles Duarte, foi lá que ela inaugurou sua condição de mulher livre, tendo que trabalhar pela manhã no Comitê para Defesa Política do Continente e, à tarde, no Escritório Comercial do Brasil, e posteriormente começou a fazer traduções. A respeito dessa experiência vivida por Carmen, Fonteles afirmou:

Mais que pagar as próprias contas, ela parecia querer se diferenciar do comportamento feminino convencional, o que, mais tarde, reconheceria como atitude machista, já que o alvo, para suas ações, estava bem determinado: os homens. Na luta para afirmar-se na nova condição, a constante apropriação de comportamentos culturalmente relacionados ao masculino e a construção e reconstrução da identidade de gênero foram para Carmen, muitas vezes, artifício de sedução e de sobrevivência no trabalho, nos relacionamentos amorosos e relações interpessoais.²²

O Uruguai foi sua morada por seis anos: mudou-se depois para Buenos Aires. Isso porque recebeu uma proposta de emprego de seu namorado René para trabalhar como subdiretora de uma firma francesa da qual ele era sócio-titular na Argentina. Entretanto descreveu em suas memórias que não foi fácil adaptar-se nesse país nem manter o relacionamento com René, pois esse era casado.

[...] ele tinha um sócio francês, eu tinha uma sócia, também francesa, mas infelizmente muito presente em Buenos Aires: a mulher dele. Isso atrapalhava um pouco. Para falar a verdade, atrapalhava bastante. A loiríssima estava disposta a fechar os olhos se seu marido se limitasse a manter um romance burocrático e relativamente discreto, uma civilizada (...) mas sua generosidade terminava aí, de divórcio ela não queria nem ouvir falar. Eu própria era ainda menos desprendida, pois não aceitava amores de sessão vermute: para mim era tudo ou nada. Nem René tolerava a idéia de que a partir de certa hora eu passasse a ser dona de meu nariz. A loiríssima tinha direitos, eu tinha exigências, René tinha ciúmes: ficava difícil conciliar tudo isso.²³

Apesar da situação de namorar um homem casado, o que implicaria algumas concessões, Carmen não estava disposta a prolongar tal relacionamento, e acabou rompendo com René ao perceber que ele não assumiria o compromisso. Além de terminar a relação de aproximadamente quatro anos, Carmen deixa o emprego também: *“deixei o mundo dos negócios e fui tratar de me virar noutra freguesia.”*²⁴

Seu próximo trabalho foi na Embaixada do Brasil, e para ela a sorte contribuiu para que ocupasse tal função, já que dessa vez não possuía padrinho. Foi contratada como secretária do adido militar e, apesar de o cargo de adido militar ter validade de dois anos, sempre conseguiu manter seu emprego, como escreveu nessa passagem de sua autobiografia.

Meu cargo era considerado “de confiança”, e a cada mudança de adido eu tremia nos gonzos. Todos eles, porém ficavam bem contentes de encontrar uma pessoa integrada no país, bem

relacionada, bem informada, ligada aos meios jornalísticos locais, capaz de redigir um português correto – coisa que para eles tinha algo de mágico -, e a única pessoa de toda a Embaixada da Brasil que sabia escrever em espanhol, o que fazia de mim o quebragalho geral, eventualmente por todas as seções. Se minhas qualificações garantiam a permanência no cargo, não eram, entretanto suficientes para assegurar a dignidade do cargo. Meu grande problema era fazer compreender a cada recém-chegado que ele estava em função civil, e que tinha uma secretária, não uma ordenança que devesse bater os calcanhares em sinal de subordinação e respeito.²⁵

Afirmou que fazia questão de derrubar qualquer pretensão de impor-lhe a disciplina militar e procurava deixar claro que só executaria as tarefas de secretária, sendo assim não prepararia cafezinho nem faria atividades de servente. Para ela, embora ganhasse pouco, trabalhar ali era muito divertido.

Outro aspecto bastante marcante de sua vida foi o clima tenso da política argentina, o que a fez comentar na sua autobiografia sobre a pressão que é viver o clima de uma ditadura.

Eu vivera uma boa parte do Estado Novo no Brasil, mas era muito garota para prestar atenção ao que ocorria ao redor e, de todos os modos, Rio Grande era pequeno demais, “íntimo” demais para servir de amostra, a repressão aí agia num âmbito estreito e de forma quase privada. Em Buenos Aires, respirava-se o peronismo como um clima denso e sufocante – às vezes literalmente, pois era comum ter de andar pelas ruas com o lenço molhado no nariz para proteger-se das emanações de gás lacrimogênio, vestígios de escaramuças recentes. Acho que todo cidadão latino-americano deveria receber desde o jardim de infância, um adestramento especial, algo assim como curso de sobrevivência na selva que se dá aos pilotos aviadores, a fim de capacitá-los a viver numa ditadura²⁶

Carmen da Silva morou na Argentina de 1950 a 1962, vivenciou o auge e a derrocada do peronismo, aprendeu muito com as experiências e com a realidade daquele país. Em suas memórias afirma que cresceu e teve uma formação liberal e, apesar de desejar um mundo agradável para todos, achava justo que alguns grupos possuíssem necessidades mais extensas, abrangentes e refinadas que outros, pela simples razão de serem mais cultos. No entanto percebeu que deveria engolir seu belo mundo liberal com mostarda e catchup, já que nascera pouco depois de uma guerra mundial e aos dezoito anos assistiu à eclosão de outra.

Assim afirmou Fonteles:

[...]Carmen viveu experiências de sentir-se parte da coletividade social, que aguçou as convicções políticas – ela, até então uma “liberal convicta”. O movimento de oposição contra o regime peronista foi acompanhado, de perto, por Carmen. As notícias mais recentes sobre as atitudes antigovernistas lhe vinham do calor dos bares, principalmente do Astro’s Club, freqüentado por artistas de teatro, “central de boatos e comentários”, aonde ela, muitas vezes, ia sozinha, para beber, comer ou simplesmente fazer anotações de exercícios literários. Lá se ouviam rádios proibidas de outros países latino-americanos e ficava-se sabendo de tudo que acontecia na política argentina. As lutas pela deposição de Perón, o que aconteceria em 16 de setembro de 1955, causaram profunda impressão em Carmen, que observou o desenrolar dos acontecimentos, nas ruas de Buenos Aires, a festa das multidões a comemoração do que se acreditava ser novo tempo.²⁷

Todos esses acontecimentos despertaram sua veia literária, e foi na Argentina que iniciou sua produção como escritora, publicando contos, romances e escrevendo para jornais e revistas. No entanto foi seu primeiro romance, *Setiembre*, que deu visibilidade ao seu trabalho.

*Setiembre*²⁸ foi publicado em 1957, mas sua temporalidade está situada aproximadamente nos episódios de setembro de 1955 e no processo histórico argentino da queda de Perón. Embora tenha recebido diversas críticas como de quem deveria ser um homem que escrevia e assinava com pseudônimo de mulher, ou até mesmo de quem seria uma ousadia brasileira escrever um romance argentino, foi esse livro que a introduziu nas reuniões literárias com escritores e jornalistas.

Comecei a conhecer escritores, convidava-os a minha casa que não demorou a tornar-se o ponto de reunião da Buenos Aires literária e jornalística (sem os nomes mais altissonantes, os Borges, Malleas e Mujica Láinez, que não desciam da torre de marfim para uma garçonnière sem pretensões). Ciosa guardiã das boas maneiras que minha mãe me ensinou, aos casados eu invariavelmente dizia que trouxessem a mulher, mesmo temendo que ela fosse uma chata. Se algumas realmente o eram, nunca fiquei sabendo. Todos vinham desacompanhados e não pelos meus belos olhos: o papo-nosso-de-cada-noite reunia facilmente trinta pessoas. O pretexto era sempre o mesmo: “Ela não é muito disso, se interessa é pela casa, os filhos...” Isso me revoltava, embora, mais uma vez, sem me levar a qualquer conclusão: entendedeiras fechadas são um osso duro de roer. Um dia perguntei francamente a vários deles por que diabos um intelectual se casava com a cozinheira.²⁹

Carmen chegou a escrever nas revistas, *Atlántida* e *El Hogar*, artigos dedicados às mulheres, convocando-as a saírem de casa, lutar e realizar, mas

confessou que naquele momento a opressão feminina não era tão evidente, ela nem pensava sobre isso. Confessa que foi gradativamente que começou a perceber a teia de aranha persistente e tenaz que envolvia o papel das mulheres, que lhes tolhia os movimentos e as prendia em gaiolas de ouro, ou até mesmo em arames enferrujados. Entretanto afirmou que, apesar de ter tido a presença de fugir desse mundo destinado às mulheres, ela não tinha muita consciência do que estava fazendo quando se despediu do Rio Grande.

Concomitantemente a seus escritos, mantinha seu trabalho na Embaixada e publicava seus artigos. Foi construindo seu lugar com mulher e escritora na Argentina, o que trazia muita satisfação, pois reconheceu que pela primeira vez deram-lhe os direitos do seu próprio nome; no Rio Grande, era conhecida com “*Carmenzinha do doutor Pio*”, sua identidade ficava associada a seu pai. Agora não, embora num país estrangeiro, Carmen sentia-se realizada.

Na Embaixada mantinha-se discreta, apesar do sucesso de seus escritos, mas relata que tal indiferença foi rompida quando convidada a escrever um conto para uma revista açucarada feminina, *Damas y Damitas*, cujo título foi “La nina, El capullo y El retrato”, uma historinha sobre as primeiras emoções sensuais de uma adolescente. Seu conto foi censurado e a tiragem da revista apreendida. Para ela isso ocorreu devido à mentalidade que pairava sobre Buenos Aires.

Mas Buenos Aires nessa época vivia mergulhado numa onda de puritanismo à ultrança, comum às ditaduras, sobretudo às que obedecem à inspiração de uma primeira dama de meretrícia origem. E um comissário de polícia, cujo nome não recordo e nem me importa recordar – talvez nem sua mãe se lembre, se é que jamais *aquilo* teve mãe -, mandava prender os pares que se beijavam em público, obrigava boates e clubes noturnos a manterem abertas as cortinas ao nível da rua para evitar a pouca-vergonha lá dentro e fincava um olho de velho sátiro enrustido em tudo o que se publicasse. Não deu outra: o conto foi censurado, a tiragem da revista apreendida. O assunto alimentou a crônica portenha durante algumas semanas, recebi cartas de adesão e xingamentos, aplausos e desancadas. Publiquei na *Gaceta Literaria* de Tucumán um artigo dizendo o que eu pensava da censura, sob o título um tanto ionesqueano de *Um Elefante no Vestíbulo*, dei entrevistas a vários jornais e revistas de Buenos Aires, fui o pratinho do dia.³⁰

Carmen relatou que o único lugar em que se sentia à vontade era na Sociedade Argentina de Escritores (SADE)³¹. Lá sim não sofria limitações da extraterritorialidade, podia soltar o verbo nas reuniões, congressos, simpósios e

assembléias e só se lembrava da condição de estrangeira quando pediam pra que ela cantasse, dançasse segundo as galas folclóricas argentinas.³²

Ela começou a sentir vontade de voltar para o Brasil, apesar de afirmar que se sentia feliz na Argentina. Sua condição de estrangeira começava a pesar, pois algumas restrições lhe eram impostas, além de ser funcionária da Embaixada brasileira, o que a obrigava a doses de cautela.

Mas eu começava a sentir certa culpa de viver como que entre parênteses, sem qualquer compromisso visceral com o país que me abrigava. Sempre fui dotada de um superego extremamente atrapalhativo, especialista em interferir quando tudo está correndo às mil maravilhas. Et pour cause! E foi assim que comecei a acalantar a idéia de voltar para o Brasil. Morro de vergonha de confessar que um dos mais fortes motivos de meu regresso foi a sensação de marginalidade política, o cansaço dos golpes e contragolpes militares, o desejo de participar das decisões e *votar*: vou levar fama de ser o maior pé-frio da história!³³

Relata em sua autobiografia que não estava em seus planos voltar para o Rio Grande, e naquele momento o Rio de Janeiro a atraía mais por dois motivos: a seu ver era lá que as coisas aconteciam, era o coração do Brasil, e também porque não conseguia esquecer um carioca por quem se apaixonara. Mas ela admitiu que o envolvimento ocorreu em circunstâncias erradas: além de casado, ele era militar.

Antes de voltar para o Brasil já havia adquirido boa experiência como escritora, como analisou Kelly Baptista Duarte:

Após *Setiembre*, ela escreverá um segundo romance intitulado *El séptimo invitado*. Tratava-se de uma versão local atualizada de *O Banquete de Platão*. Embora pronto para ser editado, surpreendentemente ela suspende a publicação por considerar que havia problemas de técnica e de estilo. Percebeu que teria de reescrever alguns capítulos, mas faltava-lhe entusiasmo: “a relação mágica entre mim e o livro já se dissipara e não gosto de escrever a frio” (*Rio, 1964*). Mas logo em seguida entrega à editora Claridad um livro de contos, *El diablo y otras soledades*. Nesse mesmo período produz sua primeira obra de teatro, *El aprendiz de genio*, uma farsa dramática que chamou a atenção do grupo Santelmo para encená-la, e do editor Ricardo Letras para publicá-la. Sempre muito autocrítica, pensando em modificar o final, Carmen voltou ao Brasil com o único exemplar da obra. Ainda na Argentina, escreve, na seqüência, outra peça teatral, *Prohibido pisar el césped*. Constituído de um único ato, o drama é produto de uma inspiração nascida nos momentos de angústia da escritora: o processo de renúncia do presidente Jânio Quadros no Brasil, no ano de 1961, que ela acompanhou ainda da Argentina (*Diário de Notícias, 31 maio 1964*). Essa peça viria a ser uma de suas últimas

produções antes do retorno ao Brasil. Nela reflete-se não apenas a preocupação com a crise política nacional daquele momento, mas também sua postura diante do fato enquanto cidadã brasileira.³⁴

Ela permaneceu dezoito anos fora do Brasil, vivendo em dois países diferentes, Uruguai e Argentina. Além de suas experiências profissionais, ela desenvolveu a arte da escrita e se estabeleceu como escritora, principalmente com a publicação de seu livro *Setiembre*, com seus contos e artigos. Entretanto outro aspecto importante de sua formação deve ser considerado: sua relação com a psicanálise.

A psicanálise foi uma descoberta importante em sua vida. Ao fazer análise decidiu conhecer melhor essa área de estudo e especializou-se, como analisou Fonteles:

“As sessões de análise que se lhe apresentaram como caminho para superar a dor do fim de um relacionamento revelaram-lhe a possibilidade de conhecer melhor o ser humano. A sobrinha de Carmen, Alice Barreto, recorda seu esforço para aperfeiçoar-se nessa área: Carmenzinha trabalhou na revista da Associação Psicanalítica Argentina. Nessa época estudava, lia muito e fez curso de psicodiagnóstico. E, para pagar seu tratamento psicanalítico era secretária da Associação.”

Tal conhecimento com certeza foi utilizado por ela em seu novo emprego no Brasil, como articulista da *Revista Claudia* e na construção de seu discurso sobre o papel da mulher na sociedade. É com essa bagagem intelectual que ela desembarca no Brasil em 1962.

Sua chegada foi acompanhada de um choque cultural, pois tudo era novo: o clima quente, a euforia carioca, a forma como as pessoas se relacionavam. Esse aspecto ela descreveu como desolador, já que sentia um caráter superficial nas relações humanas. Não conseguia reproduzir as reuniões noturnas que fazia em Buenos Aires com seus amigos, havia uma defasagem de traduções do que havia lido lá. Enfim, afirmou que sentia muita saudade dos seus amigos argentinos.

A busca por um trabalho também não foi fácil: enviou currículos, cópias de seus artigos publicados fora do Brasil, mas o que conseguiu foi um emprego num escritório. Confessa que foi observando as moças que lá trabalhavam, pertencentes à pequena classe média, que descobriu a mulher e suas aspirações convencionais.

Compreendi que a mulher não é obra da natureza e sim uma paciente, laboriosa – e malicioso – construção da cultura. “On ne naît pas femme”: faz-se a mulher dentro de um molde e a que sai do padrão leva o rótulo de monstro. Somos produzidas sem série, dentro das especificações da “feminilidade” tal como os homens acharam de interpretá-la segundo seus melhores interesses e enquadradas no tipo físico determinado por um Instituto de Pesos e Medidas, que analisa o material e descarta a escória. Mais uma vez: jóia e flor ou bagulho.³⁵

Foi no ambiente de trabalho que ela começou a questionar o papel da mulher brasileira de classe média. Seu encontro com os escritos de Simone de Beauvoir já tinha ocorrido, sua base psicanalítica a ajudava a pensar tal universo revelando uma bagagem cultural que facilitava seu olhar crítico sobre as relações entre os sexos, e assim foi amadurecendo a idéia.

Para marcar o reencontro com seu país e com a língua portuguesa, escreveu mais um romance, *Sangue Sem dono*, publicado pela Editora Civilização Brasileira, em 1964. Embora Carmen não assuma que esse livro conta a sua trajetória, muitas passagens fornecem indícios de que a personagem está vivendo e passeando pelos seus próprios caminhos, pelas suas próprias experiências.

O romance retrata a vida de uma mulher que nasceu numa família burguesa e busca o conhecimento de si, seu objetivo é a liberdade e a independência. Assim narra o cotidiano dessa mulher que passa um tempo morando fora do Brasil e, quando retorna a sua terra natal, encontra o caminho para a realização. O fato de não admitir que *Sangue sem dono* foi escrito em tom autobiográfico permitiu que ela apresentasse episódios até então desconhecidos de sua vida, no entanto muitos deles não foram confirmados.

Outro aspecto interessante analisado por Kelly Baptista Duarte é a aproximação desse romance com *Sangue dos outros*, de Simone de Beauvoir, seja na intertextualidade seja no diálogo à composição do título:

Ambos, título e obra apresentam em seu bojo uma mesma ideologia de engajamento, veiculado pelo social das personagens protagonistas, o que reafirma o engajamento literário das duas escritoras. O distanciamento temporal entre as obras e a diferença de cenários que ambientam e ilustram, o idealismo de Carmen e de Simone, vêm provar que a primeira exerce um certo “canibalismo” da filosofia beauvoirista, na medida em que se nutre das reflexões a respeito da condição feminina propostas pela segunda, as recria e adapta ao contexto social e à realidade da mulher brasileira, num tempo em que as mulheres feministas e emancipadas já somavam um número considerável na França.³⁶

A repercussão de seu romance aqui no Brasil atraiu a crítica, tanto positivamente, como de forma destrutiva, isso porque argumentaram que o livro foi construído com audácia, desinibição e falta de recalques.³⁷

Tais comentários conduziram Carmen às páginas dos jornais para rebater as críticas, dando abertura para ela, que aos poucos ia conquistando seu espaço nos meios de comunicação impressa.

Tal intuito foi alcançado, como podemos perceber através da sua produção literária: “*Dalva na rua Mar* (Novela - 1965); *Guia de boas maneiras* (Ensaio - 1965); *A Arte de Ser Mulher* (Ensaio - 1966); *O homem e a mulher no mundo moderno* (Ensaio - 1969); *A revolução sexual* (Ensaio - 1970); *Fuga em setembro* (Trad. do romance *Setiembre* realizada pela própria autora - 1973) e *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (Autobiografia - 1984).”³⁸

Sua chegada ao Rio de Janeiro foi marcada de acontecimentos. Passado o primeiro impacto, Carmen consegue estabelecer um vínculo de sociabilidade, e o ano de 1963 ela viveu intensamente, tanto profissionalmente, quanto no plano pessoal: escreveu seu romance, *Sangue sem dono*, casou com um advogado e assumiu a seção - *A arte de ser Mulher* - da *Revista Claudia*.

Na sua autobiografia, Carmen preferiu utilizar o pseudônimo de Mr. F. (a letra F, ela atribuiu aos adjetivos: folgado e falante) ao se referir ao seu companheiro, cujo nome verdadeiro era Claudio. Foi com ele que ela mudou do Rio para Niterói: “*O fato é que me refugiei no bucolismo fluminense em companhia de um rapaz sestroso, verboso, pontificador, proprietário da verdade com contrato vitalício de monopólio sobre ela*”.³⁹

Apesar de terem vivido juntos cerca de quinze anos, em *História híbridas de uma senhora de respeito*, a escritora ressaltou mais os desencontros dessa relação, e os conflitos foram traduzidos em tom de desabafo e decepção:

Esse homem com o qual todas sonhamos essa união plena e satisfatória que a fada madrinha nos prometeu desde o berço e que até hoje ainda está em veremos. Não duvido de que haja, sim, *homens* maravilhosos, mas quando se convertem em *maridos* acabou-se a maravilha: as exigências do papel reduzem todos eles a um denominador comum – e desconfio muito que eles encontram certa volúpia no desempenho. Os bons maridos são o prêmio das mulheres certinhas, que têm a cabeça no lugar. Isto é: ao nível do tanque e do fogão. Ser marido é uma função didática: marido está aí para mulher aprender com quantos paus se faz uma canoa.

Azar o dele quando ela descobre que, com um pau só, sua canoa está mas é afundando.⁴⁰

O tom de amargura em sua escrita expressa possíveis motivos que tenham provocado o fim da relação. Em entrevista realizada por Ana Rita Fonteles Duarte, a socióloga Moema Toscana, amiga de Carmen, afirma que a união dos dois poderia ter se dado em parte pela necessidade que Carmen tinha de escandalizar, chocar as pessoas conservadoras, dentre as quais sua própria família. Claudio, apesar de ser advogado, intelectualmente deixava a desejar frente ao conhecimento da esposa. E era negro.⁴¹

Quando Carmen da Silva assumiu a seção “*A Arte de Ser Mulher*”, já tinha muita história para contar e muito que analisar. Sua volta ao Brasil coincidiu com os anos pré-ditadura militar, além de serem os tão falados *anos 60*, estigmatizados com a mudança de comportamento, com a chamada revolução sexual, com os movimentos feministas e de contracultura, além de toda a censura que recaía sobre os meios de comunicação.

O público feminino, leitor da *Revista Claudia*, pôde acompanhar o seu discurso e seus posicionamentos no que se referia ao universo feminino e ao movimento de rupturas e continuidades pelo qual passavam *a moral e os bons costumes* da época.

Sua aproximação com a Editora Abril ocorreu depois que ela enviou uma carta para a redação, com a proposta de escrever sobre a modificação que via na mulher brasileira. Foi contratada como redatora de “*assuntos femininos*” e ficou responsável pela já existente seção “*A Arte de Ser Mulher*”, título este que não lhe agradava, pois afirmava que não reconhecia que acrobacia fosse sinônimo de arte.

A seção que ela assumiu já era publicada desde que a Revista foi lançada, em 1961. Quem assinava era D. Letícia, no entanto seu discurso apoiava-se nos famosos consultórios sentimentais e no modelo tradicional de família, designando a mulher a exercer sem reclamar seu papel de esposa e dona de casa, já que os homens possuíam uma natureza masculina que os conduziam à infidelidade, à desordem e ao mundo público (trabalho e vida social).

A diferença entre as duas é evidente, como analisou Santos:

Se D. Letícia, consultora leiga, apoiada solidamente no conhecimento da tradição que sua experiência e sabedoria lhe conferem, exorta, aconselha e propõe soluções para as dificuldades de suas leitoras, Carmen da Silva, psicanalista, ancorada no conhecimento e na experiência profissional, será

veículo de novos valores que equiparam o homem e a mulher, evitando, porém, tanto quanto possível, o recurso ao aconselhamento direto. O conselho dá lugar ao questionamento dos problemas e conflitos vividos pelas leitoras. Sua estratégia não visa a reequilíbrio imediata, a adaptação ao momento presente, nem busca provocar *incontinenti* um sentimento de alívio. O objetivo se sua intervenção será reconstruir em profundidade os ideais da mulher, resolver convicções enraizadas e questionar as atitudes mais típicas do sexo feminino.⁴²

Carmen vem com um olhar diferente, com experiências e conhecimento, que lhe permitiram vasculhar no mundo da mulher de classe média. Como ela mesma afirmou, foi *mexer em abelheiro*.

Os anos posteriores a sua entrada na Abril são marcados por importantes processos históricos, que muitas vezes “gritam” em seus escritos; já outros são silenciados. A procura de compreender melhor o processo de modernização de nossa sociedade, que viveu uma ditadura, consolidou-se como consumidores e aprendeu a reavaliar alguns valores no âmbito familiar, que torna a pesquisa de “A arte de ser mulher” tão expressiva.

“A Arte de Ser Mulher” e a Revista Claudia: um diálogo possível?

“Abramos a mente aos estímulos que a vida está constantemente oferecendo, aceitemos os desafios de cada dia, sacudamos as traças e teias de aranha que podem ter se alojado subrepticiamente em nossa inteligência. Os resultados podem ser assombrosos. Mesmo se nossos pontos de vista não mudarem, mudará nossa atitude com relação a eles: saberemos que são *realmente* nossos.”⁴³

A seção “A Arte de Ser Mulher” tinha como objetivo publicar artigos com temáticas relacionadas ao universo feminino. O tom desses artigos era dado por Carmen da Silva, que com sua experiência utilizava-se muito da psicologia e de uma bibliografia atualizada. Um fator que deve ser ressaltado é que Carmen recebia as cartas das leitoras, e respondia a elas, o que lhe proporcionava escolher os assuntos que mais angustiavam seu público. Construiu assim um diálogo que correspondia às expectativas de quem adquiria a revista.

Com uma linguagem coloquial, a articulista procurava escrever de forma fácil, embora muitas vezes recorresse a palavras rebuscadas. Já as teorias de psicologia, quando utilizadas, eram explicadas com exemplos do dia-a-dia, pois a proposta era

conversar com a sua leitora, questioná-la, fazendo com que ela pensasse sobre suas angústias cotidianas.

Os artigos em média tinham quatro páginas e eram iniciados com o título em destaque (letra maior), o nome da seção e a assinatura da articulista. Uma imagem também compunha as primeiras páginas, sempre associada ao tema que seria exposto. Na década de 60, utilizava-se a estratégia de não publicar o texto em seqüência de páginas; o artigo começava em uma página em cujo final indicava-se o número da página em que continuaria o artigo, e assim por diante. Isso fazia com que a leitora folheasse a revista toda para poder terminar de ler os artigos que lhe interessavam, e assim se colocava em contato com a publicidade muito presente nas páginas de *Claudia*.

Outro fator interessante é a localização da seção na revista. Podemos perceber que num primeiro momento (de 1961 a início dos anos 70) ela não possui um lugar fixo, ora está no início⁴⁴ da revista, ora no meio, ora no fim. Já de meados de 1970 a 1973 ela se situa mais para o início, passando posteriormente para o final, onde permanece até 1985.

O sumário da revista passou por várias modificações nas três décadas em que pesquisamos e a seção também não possuiu uma regularidade de posição. Até 1967 ela fazia parte do chamado “O Mundo *Claudia*”; de 1968 a 1970 pertencia a “Artigos”; no final de 1970 até o final de 1977 aparecia no “Agora Leia que é Sério”; no fim de 1977 a meados de 1983 voltou a fazer parte do “Mundo *Claudia*”; e a partir de 1983 até 1985 não apresentou uma regularidade, ora estava em “Mulher” ou “Comportamento”, ora voltava para o “Mundo de *Claudia*”.

O seu deslocamento dentro do periódico, assim como sua posição no sumário, pode ser compreendido se levarmos em conta que, nas três décadas, a *Revista Claudia* teve quatro diretores de redação⁴⁵ que junto com toda a equipe, pensavam e compunham a lógica para a publicação, seja em relação à distribuição espacial, seja quanto à tônica dada aos temas trabalhados.

Os principais temas que circularam nas páginas de *Claudia* de 1961 até 1985 foram: Família, Corpo, Moda, Culinária e Trabalho. A seção de Carmen da Silva também se preocupou com esses assuntos.

Se o discurso da revista preocupava-se em ajudar a mulher a estar preparada para melhor servir ao homem, Carmen representou uma voz contrária à dependência feminina, embora estivesse consciente de que o público-alvo estava em concordância com os papéis tradicionais impostos pela sociedade: esposa, dona de casa e mãe.

A colunista enfrentou o desafio, não radicalizou, procurou num primeiro momento abordar questões que mostrassem as insatisfações individuais de suas leitoras, num trabalho de conscientização. Seu primeiro artigo evidencia bem essa fase de conscientização; o título era: “*A Protagonista*” (setembro de 1963).

O artigo propunha para as leitoras que elas deveriam ser protagonistas de suas vidas, apontava possíveis frustrações e perigo de quem se esconde atrás de rótulos e de queixas. O tom do diálogo demonstra muita cautela, um cuidado com a escrita e o emprego do plural, pois, ao se incluir nesse universo, ela conseguiria aproximar-se das leitoras. Assim é comum encontrarmos: “*Não caíamos*”, “*Abramos a mente*”, “*Nossa realidade*”, “*Nossas opiniões*”.

O artigo também indica que Carmen ainda não está se referindo apenas à dona de casa, esposa e mãe (a possível leitora de *Claudia* naquele momento); dirige-se a vários segmentos de mulheres, como podemos perceber em alguns trechos do artigo: “*Casadas e solteiras, ociosas e trabalhadoras, estudantes e profissionais, artistas e donas de casa*”⁴⁶, ou “*Muitas mulheres se casam esperando que o amor lhes dê felicidade; trabalham pensando que um emprego lhes dará independência, ou estudam com o objetivo de que uma carreira lhes dê prestígio*”⁴⁷. Assim explicitava que o universo feminino não era só o lar, podendo-se incluir nele o trabalho e os estudos. No entanto, aos poucos percebe que sua tribuna está situada dentro de um periódico que tinha como principal lugar o lar e as relações familiares.

Carmen estava conhecendo suas leitoras, aproximando-se desse universo, mas sem dúvida já vinha com uma proposta bastante provocativa:

Cada mulher pode e deve protagonizar sua vida dentro do âmbito que escolheu, seja ele vasto ou reduzido, seguindo suas inclinações, acatando os ditames de seu temperamento e, em certa medida, do círculo social, econômico e cultural a que pertence. O problema não consiste em fazer coisas espetaculares, mas sim em tomar consciência dos seus objetivos e aceitar a tarefa que sua consecução impõe. Dentro dessa orientação, reconheceremos que o amor não brinda gratuitamente a felicidade; o que ele brinda é uma oportunidade de dita. Se não participarmos, de modo consciente e generoso, do jogo mútuo de dar e receber, a oportunidade há de frustrar-se. Um emprêgo não outorga independência: contribui para apoiá-la, mas ela é, em si, uma conquista de cada um. Reconhecendo o grau de esforço pessoal implícito em cada realização humana, seja ela em que campo fôr, diminui consideravelmente nossa vulnerabilidade ante os fatores externos que não podemos controlar. Perder um bem é fatal para quem o recebeu como dádiva, mas quem o construiu pelos seus próprios meios, sabe que pode repetir a proeza, se as circunstâncias assim o exigirem.⁴⁸

O artigo convida as mulheres a se conhecerem, entenderem seus próprios anseios, suas escolhas, pois só o autoconhecimento daria condições e segurança para elas se colocarem como sujeitos de suas vidas e pararem de culpar o destino, tornando-se seres humanos completos. Foi com esse discurso que Carmen da Silva iniciou sua trajetória na *Revista Claudia*, ela chamou essa primeira fase de, “*Fase do Despertador*”, ou “*Fase de Lázaro*”, e a idéia era: “*Acorda, Bela Adormecida, levanta-te e anda*”.⁴⁹

Embora o discurso de conscientização acompanhe toda a trajetória de Carmen na revista, outras ênfases são dadas. Quando a articulista percebe que pode avançar mais um pouco, ela convida as leitoras a se interrogarem sobre suas condições e seus direitos, como exemplifica o artigo “*A Grande Batalha*” (Maio de 1976).

Nesse artigo, a articulista tem como foco principal o trabalho feminino, a luta por salários iguais, por cargos, pelo reconhecimento da mulher como profissional. Indica que um número crescente de mulheres já procura o mercado de trabalho e conquista sua independência econômica, partindo do individual para o coletivo atuando na participação social. No entanto aponta que os filhos ainda são uma preocupação constante para as mães, que se culpam pela ausência, daí seu discurso sobre a necessidade de reivindicações. Vejamos:

A mão-de-obra feminina, qualificada ou não, ajuda a enriquecer a sociedade.[...] Ora, o que “fornece” gente – matéria-prima da sociedade, razão de ser do mundo, mão-de-obra produtiva, impulso de toda e qualquer progresso – é o ventre da mulher. [...] É óbvio, pois, que o menos que a sociedade deve à mulher é proporcionar-lhe os meios para que ela possa cumprir as exigências básicas da sobrevivência dessa mesma sociedade, ou seja: trabalhar e ter filhos; contribuir para o progresso social e garantir a continuidade da espécie.[...] O primeiro e mais urgente são os equipamentos sociais para um adequado atendimento infantil. Lugares onde a mãe possa confiar seus filhos a equipes especializadas em puericultura, psicologia, pedagogia.[...] Somos nós, mulheres de classe média esclarecida, que temos de invadir o mercado de trabalho e aí, como elementos atuantes e influentes, impor a força das necessidades e reivindicações de todas as mulheres. Em certos aspectos, as angústias e inquietações da mulher que trabalha fora, são provocadas principalmente pelos preconceitos culturais com relação ao papel feminino.⁵⁰

Seus artigos abordam a necessidade de as mulheres se organizarem em torno de um ideal maior que a casa, maior que os anseios individuais e pensarem na

coletividade e no papel que elas podem desempenhar, mas que a sociedade patriarcal as fez esquecer. A busca por uma identidade também é fortemente discutida, e para tanto cita de Simone de Beauvoir a Betty Friedan.

Da conscientização, às reivindicações, Carmen chega à década de 80 alertando para os desafios dessa nova mulher na sociedade com o título “Contra a violência a melhor defesa não é o ataque” (novembro de 1984). Nesse artigo, trata da violência urbana, aponta as consequências políticas que a ditadura tinha causado no país, expõe os problemas que afetam o mundo naquele momento e solicita não só às mulheres, mas à sociedade pra construir um mundo mais fraterno.

Claro que essa desgraça não nos caiu do céu por acaso: é a consequência de muitos anos de intensa repressão, da crise, da recessão, do desemprego, da corrupção reinante. É a reação caótica dos grupos que vêm sofrendo um grau intolerável de violência social, privados dos elementares direitos biológicos e civis: o trabalho, o alimento, o teto, a saúde, a instrução, o voto. É também reflexo de uma situação mundial de insegurança, guerras localizadas ameaçando se generalizar, ditaduras, terrorismo, a perspectiva da bomba que acarretaria a extinção da humanidade. Lamento que esta coluna, principalmente destinada a um diálogo amistoso entre mulheres, de repente aparece adotar um tom apocalíptico. Mas como fechar os olhos à realidade nacional e mundial que nos cerca? Mas uma vez aponte os caminhos de saída que consigo vislumbrar. Exasperantemente lentos e gradativos mas, por desgraça, não vejo outros: são únicos que nos restam enquanto coletividade: a participação em todos os níveis da vida nacional, na política partidária, nas organizações comunitárias, nas agrupações feministas, pacifistas, ecológicas e de integração racial, em todos os movimentos de protestos democráticos, nas associações de pais e mestres, nos clubes de mães, onde quer que possamos unir nossa voz e outras vozes coincidentes para afirmar os direitos humanos, reivindicar nossos foros de cidadãos e tratar, por todos os meios, de construir um mundo mais justo e fraterno.⁵¹

Como podemos perceber o processo de abertura política já permitia que seus artigos tratasse mais claramente dos fatores políticos, econômicos e sociais que envolviam o Brasil.

O projeto de Carmen privilegiava a liberdade da mulher em tomar decisões como indivíduo, enfatizando a importância da autonomia feminina, através da realização profissional e do respeito à sua condição individual. Levou às suas leitoras questões importantes da vida cotidiana, da qual ela mesma participou vivendo como mulher as transformações da sociedade.

Assim como encontramos vários temas que fizeram parte da seção “*A Arte de Ser Mulher*”, também observamos algumas etapas no discurso da articulista como acabamos de mostrar. Entretanto num artigo, cujo título é “O que seria do mundo sem nós, mulheres?” (Dezembro de 1979), a própria Carmen da Silva faz uma releitura de como havia organizado seu discurso dentro da Revista e afirmou que, nos dezesseis anos em que escreveu, identificava quatro etapas distintas de sua escrita.

A primeira poderia chamar-se, à moda oriental, Fase do Despertador, ou Fase de Lázaro, pois a idéia dominante era: “Acorda, Bela Adormecida, levanta-te e anda”. Tratava-se de sacudir as mulheres que ainda viviam mergulhadas numa espécie de sonho vegetal: deitavam raízes, estendiam ramos, frutificavam, obedeciam à natureza mas sem imprimir-lhe a marca que é privilégio humano: a consciência de si, o pensamento crítico. Elas se definiam a partir de suas funções corporais e suas relações familiares: eram filhas, esposas, mães, apêndice, costela, carametade, ventre reprodutor – e fora disso, a nebulosa, o limbo. Eu as espicaçava para que se reconhecessem gente por direito próprio, com um potencial a realizar, uma tarefa a cumprir no mundo e não só entre quatro paredes – enfim: uma existência autônoma, uma historia a construir. Batia na tecla do trabalho com o dever social de cada um e base indispensável de independência econômica, sem a qual a liberdade se transforma numa bela abstração vazia.[...] **A segunda fase** foi decorrência natural da primeira. A partir do momento em que a mulher começou a sentir-se existir, era inevitável que passasse a interrogar-se, a olhar para dentro, tomar seu próprio pulso.[...] Foi aí que eu resolvi meter minha colher torta nas relações familiares. Procurei vias de entendimento, caminhos possíveis de conciliação, pontos onde a concessão era necessária e pontos onde a dignidade não permitia concessão nenhuma. Essa foi uma fase absolutamente institucional: abordei temas como ciúme, concórdia e discórdia conjugal, conflitos de gerações desconexos, sempre tendo em vista a mulher dentro da família: esposa, mãe, filha, sogra, nora – e com a justíssima aspiração de também ser gente.[...] Foi então que, muito estimulada também pelos ventos que vinham soprando de outros continentes, entrei na **terceira fase**. Esta seção assumiu uma tônica resmungona, entendendo-se por “resmungo” a denúncia fundada e sistemática das disparidades, injustiças e discriminações, a exploração da mulher, a asfixia de sua personalidade, a manipulação de sua afetividade, a repressão de sua sexualidade, a opressão grosseira ou dissimulada sobre ela, a tenaz lavagem cerebral tendente a fixar a idéia da inferioridade natural do sexo feminino.[...] Assumindo uma posição feminista pública e notória, tornei-me sumamente vulnerável à crítica e ao ataque. Com poucas e honrosas exceções, os homens – relações pessoais, profissionais, casuais – passaram a desafiar-me, provocar-me, interpelar-me: “Assim que você é feminista? Então me explique papapá e pepepé, justifique tatatá e teteté, esclareça lalalá e lelelé”. Queriam fazer de mim, como aliás de todas as feministas, uma máquina de prestar contas.” [...] “Cansei de ouvir falar nessa “igualdade” interpretada com má fé. Eles entendem

muito bem o conceito constitucional de igualdade com paridade de direitos e oportunidades – e muitos até acham que seria ótimo se isso não ficassem só no papel. Mas, tratando-se de mulher, já não entendem nada, confundem igualdade com imitação, imaginam que estamos querendo usar barba, falar grosso e urinar de pé. Mas tanto repetiram essa noção primária de igualdade que, quase sem querer, acabei detendo-me a pensar nela: ser “igual” (no sentido de imitação) ao homem seria ser o que, copiar que modelo?[...] **A quarta fase** do meu trabalho, o tom que caracteriza meus últimos escritos nasce precisamente dessa belíssima descoberta: diga o que disserem, mulher é uma criatura maravilhosa. O sal da terra, uma esperança de fraternidade nesse mundo que eles estão estragando porque tentaram construí-lo sem nós.⁵²

Essa foi a lógica dada pela articulista a sua própria escrita, recorrendo à memória para auxiliá-la na seleção e construção de seu trajetória. Apesar da reconstrução ela havia declarado que não pretendia ser uma especialista dos assuntos destinados às mulheres e se sentia muito frustrada ao ter que aliciar suas leitoras a cada mês. Sua estratégia consistiu em fazer a leitora perceber que determinadas frustrações do cotidiano podem ter origem em algo maior, e que é fundamental descobrir as verdadeiras causas das angústias.

Em entrevista realizada, em 1978, no Rio de Janeiro⁵³, por Maria Lygia Q. de Moraes, Carmen mostrou que esse processo era frustrante para ela, pois estava sempre frisando a mesma coisa. Relatava que gostaria de poder continuar dialogando com as leitoras que despertaram com ela, mas tinha consciência de que a revista não era o espaço adequado para tanto. Assim afirmava:

É uma coisa bastante frustrante para mim, mas ao mesmo tempo eu tenho que reconhecer também que é rentável, frutífera. Eu estou sempre no setor do aliciamento. Pegando a que não está conscientizada ou que tem aí um vislumbre e abrindo a cuca. Uma vez que aquela cuca está aberta, bom, vai te virar sozinha! Deixa eu pegar outra. Para mim é muito frustrante porque estou sempre batendo na mesma tecla.⁵⁴

Sem dúvida essa foi uma voz dissonante na revista, permanecendo por quase vinte e dois anos, numa trajetória que só foi interrompida com sua morte. Com algo único, diferente das matérias dominantes nas grandes revistas femininas da época, construiu, em um veículo da grande imprensa feminina conservadora do país, um jornalismo feminista.⁵⁵ Entretanto seu discurso inseriu-se num processo de legalidade,

não propondo uma revolução imediata, fato este que a manteve na imprensa. Em sua entrevista explicita tal prática:

Houve pessoas que começaram a tomar consciência há 10 ou 15 anos atrás e continuaram. Hoje em dia, eu teria de estar falando já a nível doutrinário, uma coisa muito mais elevada, muito mais radical. Isso não me deram a possibilidade. Uma vez que eu fui lá, se falou, se debateu, eles estiveram muito de acordo. Fiz um primeiro artigo dentro dessa nova orientação, foi a primeira vez que eles me recusaram um artigo. Disseram: Carmen, não dá. Então, eu vi que era da boca para fora aquele negócio de fazer uma coisa mais avançada, mais aberta. Então eu estou sempre no mesmo plano.⁵⁶

Seus artigos são documentos importantes para a construção da história dos comportamentos, das representações, já que cresceu passo a passo dentro da revista *Claudia*; enquanto inúmeras páginas do periódico incentivaram os modelos de consumo, Carmen da Silva seguia na contramão. Seus discursos, embora já muito reconhecidos, merecem ser discutidos e analisados historicamente, pois de seus temas emerge a realidade de uma nova parcela da mulher brasileira, que busca pensar sua condição sócio-cultural.⁵⁷

Considerações Finais

Carmen da Silva, considerada a voz feminista dentro da revista, teve uma vida marcada por mudanças, erros e acertos, como nos confirmam sua autobiografia e seus escritos. Assim, o destaque dado por *Claudia* a sua presença revela a necessidade que o periódico tinha de mostrar ou, tentar indicar, as múltiplas possibilidades do universo feminino, elegendo-a como uma mulher a frente de seu tempo. Torna-se fundamental compreender que Carmen da Silva foi uma peça estratégica, calculada e necessária para a revista, daí sua permanência.

O seu trabalho na *Revista Claudia* mostra-se essencial para se perceber como a sociedade pensava a condição da mulher casada, dona de casa, mãe e profissional, pois seus artigos debatiam os temas a partir da visão social e inseria o debate da conscientização feminina, apoiada num feminismo suave. Dessa forma seu discurso se legitimava e tornava-se possível sua publicação nas páginas de *Claudia*.

Recebido em 04/10/2010

Aprovado em 09/10/2010

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ Este artigo faz parte das discussões presente na tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp, em 2009, sob orientação do Dr. Milton Carlos Costa.

² MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/ Fapesp, 2001. p.57.

³ Carmen da Silva foi articulista desta seção de 1963 a 1985.

⁴ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p.15.

⁵ Sendo elas: Alice Mitika Koshiyama, Ana Rita Fonteles Duarte, Kelly Baptista Duarte, Maria Helena Rodrigues Fuão e Nubia Jacques Hanciau.

⁶ A dissertação foi defendida pelo programa de Pós-Graduação em História Social, pela Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Dr. Gilmar de Carvalho.

⁷ A dissertação foi defendida pelo programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, sob a orientação da Dr^a Núbia Jacques Hanciau.

⁸ Ressaltamos que nossa pesquisa tinha como objeto a *Revista Cláudia* e os variados temas que circularam nesse periódico. Carmen aceitou que seus artigos coexistissem com os outros temas enfocados pela revista; e essa relação era nosso principal interesse no último capítulo da na tese.

⁹ SILVA, Carmen Da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.7.

¹⁰ Ibid., p.9.

¹¹ Ibid., p.22.

¹² DUARTE, Kelly Baptista. *Carmen da Silva: Nos Caminhos do Autobiografismo de Uma “Mulheróloga”*. Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em Letras na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.p.62.

¹³ SILVA, op.cit.,p.29.

¹⁴ Ibid., op.cit., p.27-28 passim.

¹⁵ DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p.76.

¹⁶ SILVA, loc.cit., p.28-29.

¹⁷ SILVA, op.cit. p.32.

¹⁸ Ibid., op.cit. p.11.

¹⁹ Ibid., op.cit. p.43.

²⁰ SILVA, loc.cit., p.32-33.

²¹ Ibid., loc.cit. p.43.

²² DUARTE, op.cit. p.80.

²³ SILVA, op.cit. p.47- 48.

²⁴ Ibid., op.cit. p.86.

²⁵ Ibid., op.cit. p.87.

²⁶ Ibid., op.cit. p. 74 – 75.

²⁷ DUARTE, op.cit. p.84.

²⁸ Este romance foi publicado no Brasil, como *Fuga em Setembro* e rendeu-lhe o prêmio “Faixa de Ouro”, o mais importante da Sociedade Argentina de Escritores. Ver In: Ibid., loc.cit. p.84.

²⁹ SILVA, op.cit. p.94.

³⁰ SILVA, op.cit. p.91.

³¹ Segundo Kelly Baptista Duarte, Carmen foi premiada com a faixa de Honra por esta sociedade argentina, pelo romance *Setiembre*. DUARTE, Kelly Baptista. *Carmen da Silva: Nos Caminhos do Autobiografismo de Uma "Mulheróloga"*. Dissertação de Mestrado defendida no programa de pós-graduação em Letras na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. p.27.

³² SILVA, op.cit. p.108.

³³ Ibid., op.cit. p.109.

³⁴ DUARTE, Kelly op.cit. p.28.

³⁵ Ibid, loc.cit.

³⁶ Ibid, loc.cit.

³⁷ DUARTE, Kelly op.cit. p.35.

³⁸ Ibid. p.37.

³⁹ SILVA, op. cit. p.137.

⁴⁰ Ibid., p.142.

⁴¹ DUARTE, op.cit. p.97.

⁴² SANTOS, Tania Coelho dos. "De Dona Letícia a Carmen da Silva: as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher". In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (org). *Uma nova família: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p.87.

⁴³ Primeiro artigo de Carmen da Silva na Revista Claudia – *A Protagonista* – Setembro de 1963. Publicado também na coletânea: SILVA, Carmen Da. *A arte de ser mulher: um guia moderno para o seu comportamento*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968. p.10.

⁴⁴ Estabelecemos em nossa análise o seguinte critério: entendemos como início - da página inicial até o meio da revista. O meio quando ela se localiza na metade da revista, e o fim seria do meio para o final.

⁴⁵ Luís Carta (1961 a 1965), Thomaz Souto Corrêa (1966 a 1972), Carlos Alberto Fernandes (1973 a 1977) e Maria Cristina Gama Duarte (1977 a 1985).

⁴⁶ SILVA, op. cit. p.3.

⁴⁷ Ibid., p.6.

⁴⁸ Ibid., p.7.

⁴⁹ Revista Claudia, Dezembro de 1979. p.309.

⁵⁰ Revista Claudia, Maio de 1976. p.147.

⁵¹ Revista Claudia, novembro de 1984. p.251.

⁵² Revista Claudia, dezembro de 1979. p.309 seq.

⁵³ Entrevista realizada no dia 07 de março de 1978.

⁵⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Família e Feminismo: Reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres*. 1981 Tese de Doutorado – USP, São Paulo.p.136.

⁵⁵ Carmen levou oito anos para empregar a palavra feminismo nos seus artigos da revista Claudia, revelando assim seu cuidado no diálogo com suas leitoras.

⁵⁶ MORAES, loc.cit.

⁵⁷ Na tese de doutorado foram analisados os artigos publicados na seção "A arte de Ser Mulher" e as análises dos artigos indicaram as mudanças e continuidades das representações, assim como concordâncias e contradições do discurso de Carmen com o explicitado no restante da revista Claudia.